



Em família

Tornou-se Coordenador de Ensino de Residência no Serviço de Radiologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, cargo que ocupa a mais de trinta anos. Ele disse que tem amigos por todo o país porque os residentes estabelecem laços com ele como se fosse da família. Sua atual mulher, também radiologista, Gizelia Braga Santos do Amaral, sempre diz que por onde vão acabam encontrando ex-residentes. Os dois estão casados a vinte anos e completaram aniversário de casamento no último dia vinte e dois de outubro. Os quatro filhos; Max Ricardo (radiologista), Thereza (pedagoga), Rodrigo (advogado) e Diogo (técnico de raios-x); são de outro relacionamento. A única neta, Maria Julia, é o xodó do doutor.

O Dr. Max também tem uma preocupação muito especial com o patrimônio histórico e cultural que a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro representa para todo o país. O local abriga o Museu da Farmácia que recebe a visita de pessoas de todo o mundo para conhecer como eram feitos os remédios do passado, além de conter ainda intactos móveis de beleza

indescritível com tampos de mármore, em madeira pura, com gavetas deslizantes que contém aparelhos e instrumentos preservados a mais de séculos. Dentro do museu ainda existem grandes armários com porcelanas francesas para guardar as matérias-primas dos remédios. Um local mágico em que se tem a sensação de ter entrado em um túnel do tempo. Aliás, por trás de qualquer porta é possível encontrar um pouco da arquitetura e da marcenaria dos séculos passados convivendo em plena harmonia com os funcionários e pacientes da Santa Casa do Rio.

“O meu futuro é o futuro do Brasil, por isso votei no Luiz Inácio Lula da Silva para presidente. Acredito que o futuro da Radiologia será lamentável por causa das ‘confrarias’, porque não existe pessoa física que possa competir com a pessoa jurídica e as medicinas de grupo. A Medicina é cada vez mais cara e tecnológica, por isso espero que a Santa Casa do Rio se modernize o quanto antes possível. Eu sou um radiologista. Considero-me uma espécie em extinção porque pratico a radiologia convencional”.

*Renata Donaduzzi
Editora do Boletim do CBR*